

COLEÇÃO HESPÉRIDES
LITERATURA

POÉTICAS INTERCULTURAIS.
REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO OUTRO COMO ESTRANGEIRO

INTERCULTURAL POETICS.
LITERARY REPRESENTATIONS OF THE FOREIGN OTHER

Paula Alexandra Guimarães

ORGANIZAÇÃO

Universidade do Minho

Centro de Estudos Humanísticos

ÍNDICE

I. Introdução / Introduction

(Paula Alexandra Guimarães, Coordenadora e Organizadora)

II. Estereótipos Literários e Questões de Raça / Literary Stereotypes and Issues of Race

‘Some sort of Arab, then’: Making Assumptions in Nadine Gordimer’s The Pickup.

Lucia Boldrini

Literary Representations of Late Nineteenth-Century Racial Theory.

Glyn Hambrook

III. Traduções Poéticas do Outro / Poetic Translations of the Other

Intercultural and Hybrid Poetics in David Oliveira’s Poetry: From Azorean ‘Ethnic Signs’ within American Literature to Life in Cambodia.

Reinaldo Silva

“Don’t Meet Me at the Airport”: the Body in Transit.

Ana Carvalho

IV. Abordagens Filosóficas da Alteridade / Philosophical Approaches to Otherness

Ver outros seres humanos como sendo ‘um de nós’ e não como ‘eles’: a redescoberta rortyana, o texto literário e o político.

Patrícia Fernandes

Nós também somos o Outro (a Propósito de O Outro de Kapuscinski).

Isabel Ponce de Leão

A estigmatização de Meursault: A construção do ethos em L’étranger de Albert Camus.

Micaela Aguiar

V. O Outro Pós-colonial: Literaturas em Português / The Postcolonial Other: Literatures in Portuguese

Terra-longe tem gente gentio: figurações do estrangeiro na poesia cabo-verdiana.

Rui Guilherme Silva

O Esquecimento do Outro: representações Pós-coloniais na obra de José Eduardo Agualusa.

Ana Margarida Fonseca

Muitos Orientes: China e a Índia na obra de Camilo Pessanha e Cecília Meireles.

Camila Marchioro

VI. O Outro na História Literária e na Narrativa de Viagens / The Other in Literary History and Travel Narrative

A História Literária Portuguesa segundo Robert Southey.

Alexandre Pinto

‘É bem melhor comê-lo que estudá-lo, mas leia-o quem não pode mastigá-lo.’ As Culinárias Francesa, Inglesa e Portuguesa ao Sabor de Ramalho Ortigão.

Ana Luísa Vilela

Victorian Days and The Arabian Nights: A Study of the Influence of The Arabian Nights on Victorian Literature and Imperialism.

Haythem Bastawy

VII. Perspectivas Literárias do Outro na Espanha e no Canadá / Literary Perspectives of the Other in Spain and Canada

Goytisoló in Bosnia: The Problem of Writing the Witness.

Erma Nezirevic

Canadian Native Voices and the Representation of the Other(s): The Cree Writer Tomson Highway.

Isabel Nena Patim

VIII. Con-figurando o Outro na BD e no Cinema / Con-Figuring the Other in Comics and Cinema

Outsiders take center stage: how G. Willow Wilson and Kamala Khan are transforming the world of superheroes.

Ana Luísa Pires e Paulo Lourenço

O outro lado da vida: ser outro e ser o mesmo segundo Monty Python.

Paulo Alexandre e Castro e Joana Esteves

INTRODUÇÃO

1. O Conceito de Estrangeiro

Na sua obra *The Concept of the Foreign: An Interdisciplinary Dialogue*, Rebecca Saunders afirma que o conceito de estrangeiro (de *estraneariu*, por via do francês antigo *estrangier*) é perversamente difícil de definir devido à sua relatividade, equívoca valoração, heterogeneidade e metafóricidade (2003, p. 3). No entanto, ela refere-se sobretudo à necessidade que houve de se definir o estrangeiro negativamente – como não pertencendo a um grupo, não falando uma determinada língua, não tendo os mesmos costumes; isto é, como sendo não familiar, estranho, não natural, não autorizado, incompreensível, desapropriado ou impróprio (*Ibidem*). Por esta razão, Saunders pensa que a condição de *foreignness*, de se ser estrangeiro, é por vezes encarada como incompreendida ou ‘anti-compreendida’, já que a presença do estrangeiro simultaneamente tematiza e interroga o familiar (p. 5).

A produção e utilização deste conceito no mundo atual resulta essencialmente do estabelecimento dos estados-nação e do fenómeno do nacionalismo; o significado mais comum de estrangeiro é, assim, o concebido em oposição ao de cidadão de um estado: um estrangeiro é um não-cidadão (*Ibidem*). O conceito pressupõe, pois, a não-pertença – a uma nação ou a uma família alargada. Na verdade, a condição de se ser estrangeiro tanto pode ser positivamente como negativamente conotada; temos, por um lado, o exótico, o artístico ou o liberatório; e, por outro, o estranho, o impróprio ou o ameaçador (p. 7). Esta apreciação surge frequentemente na alternância entre o medo do Outro e a atração pelo Outro, já que a *foreignness* pode ser simultaneamente ameaçadora e apelativa (*Ibidem*).

Mas o conceito em apreço pode ser abordado de uma forma não só mais pessoal como também mais universal. Tal é o caso da estranheza da condição de se ser estrangeiro, elaborada psicanaliticamente por Julia Kristeva – o estranho ou estrangeiro que vive escondido dentro de nós mesmos:

Strangely, the foreigner lives within us: he is the hidden face of our identity, [...] The foreigner comes in when the consciousness of my difference arises, and he disappears when we all acknowledge ourselves as foreigners, unamenable to bonds and communities. (1991, p. 1).

Por outro lado, o conceito de estrangeiro equivale frequentemente a uma ideia de impureza filosófica, uma vez que por via do seu hibridismo o estrangeiro é disruptivo das categorias metafísicas (Saunders, pp. 41-2). Além disso, o estrangeiro é errante, quer no sentido de vagueante quer de alguém que literalmente erra (p. 45). Por fim, o estrangeiro é não-essencial, no sentido de alguém que é irrelevante; os artistas, os escritores, os músicos, etc. – são também aqueles que usam uma imaginação prescindível ou dispensável (p. 46).

Mas o estrangeiro não é só o equivalente da instabilidade, da impureza e da patologia; ele é também a possibilidade, pela atração do exótico, do desconhecido, do misterioso, do livre que nos move (p. 48). A representação ou imagem do estrangeiro é, deste modo, relevante no contexto das artes e das culturas, pois é através do confronto com essa imagem que melhor nos podemos compreender e aceitar mutuamente.

2. Imagem e Representação na Imagologia Literária

O termo *imagem*, neste contexto, foi recentemente definido como “the mental or discursive representation or reputation of a person, group, ethnicity or nation” (Beller & Leerssen, 2007, p. 342). No entanto, aquilo que designamos como ‘Imagologia’ envolve não apenas a disseminação intertextual de certos traços, “the commonplace nature and intertextual dissemination of certain characterizations”, mas também a forma como um dado texto constrói aquilo que é típico, “the way a text constructs salient features concerning a given nation as ‘typical’ or ‘characteristic’” (Leerssen, 2000, p. 267).

As estruturas profundas presentes nos estereótipos nacionais, que usualmente envolvem a construção de binários em torno de pares opostos, tais como Norte/Sul, forte/fraco, central/periférico, podem ser estudadas diacrónica e historicamente (*ibidem*).

Para críticos como Leerssen, os textos que ‘dizem’ algo acerca do carácter nacional apoiam-se frequentemente numa reputação já existente, em que autores anteriores podem ser citados ou mencionados, e não numa observação da realidade em primeira mão.

Como tal, os estereótipos nacionais são ‘constructos’ intertextuais, cuja força reside sobretudo no seu valor de reconhecimento e não tanto no seu suposto valor de verdade. Os estereótipos podem ser quer positivos quer negativos, dependendo se um dado país representa sobretudo uma ameaça ou uma rivalidade, dando assim origem à *xenofobia*, ou então é representado de forma mais positiva como sendo pitoresco ou exótico, originando a *xenofilia*.

Mas a representação pode diferir de acordo não apenas com a nacionalidade, mas também com a vivência e a formação dos respetivos autores; isto porque existe sempre um grau de subjetividade envolvido na representação de outra cultura por um escritor. Por esta razão, qualquer representação artística das relações interculturais envolve também a construção de uma imagem estética do confronto cultural de valores e suposições. Como conclui Leerssen, “nobody is in a position to describe a national identity” porque, na realidade, aquilo que é descrito é sempre uma *diferença* cultural – o modo como uma nação é vista como sendo “different from the rest” (Leerssen, 2007, p. 268).

Particularmente relevante no atual contexto de globalização e multiculturalismo, em que as questões da identidade, da alteridade e da representação assumiram um papel cada vez mais importante nas ciências sociais e humanas, é a extensa problematização das construções estéticas de uma autoimagem e de uma heteroimagem. Às imagens tradicionais de identidades estáticas ou rígidas, incluindo identidades nacionalistas, autores como Stuart Hall (*Representation* 2003) contrapuseram as ideias de uma ‘identidade descentrada’ ou de uma ‘identidade-relação’, que nos permitem uma reconfiguração contínua.

De facto, quer o processo de formação quer o de mudança da identidade é construído precisamente através do confronto com o Outro, um encontro intercultural feito de sinergias e de fricções, no qual o texto literário se apresenta e é também representado como um ‘diálogo’ ou como um verdadeiro ‘espaço’ de diferenças e relações (Simões 2011).

1. O Volume *Poéticas Interculturais. Representações Literárias do Outro como Estrangeiro*

O presente volume reúne os diferentes contributos de vários especialistas, nacionais e estrangeiros, em torno do tema que lhes foi proposto das ‘Representações Literárias do Outro como Estrangeiro’, os quais por sua vez decorrem da participação destes na Conferência Internacional sobre *Poéticas Interculturais*, a qual teve lugar no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, no contexto do grupo de investigação *INTCULTPOET* do Centro de Estudos Humanísticos, em meados de Junho de 2015.

Os dois artigos que compõem a primeira parte deste volume abordam os estereótipos literários que surgem associados às questões de raça ou de nação, concretamente num romance de Nadine Gordimer, escritora sul-africana, e em algumas narrativas europeias dos finais do século dezanove. Lucia Boldrini refere a forma, por vezes inconsciente, como naquele se formulam pressupostos categóricos sobre o outro-estrangeiro ou como se tenta evitar os mesmos, conduzindo em ambos os casos a mal-entendidos e ofensas que afetam quer a intimidade quer a integridade do indivíduo. Glyn Hambrook analisa o conceito de estrangeiro enquanto *exemplum* quer de degeneração quer de evolução, não só no discurso teórico, mas também no discurso literário finisseculares, nomeadamente o contraste cultural entre latinos e anglo-saxões no escritor M. P. Shiel, e entre estes e eslavos em autores como Bram Stoker e Pío Baroja.

Na segunda parte do volume, que introduz versões ou transposições poéticas do Outro, os dois artigos aí incluídos dedicam-se à representação do estrangeiro na escrita poética de diferentes períodos e contextos. Reinaldo Silva explora a poesia intercultural do autor luso-americano David Oliveira, residente no Camboja mas de ascendência açoriana, a qual exhibe um debate rico e intrincado entre os valores ocidentais e asiáticos que está bem patente no confronto e tensão étnicos. No seu artigo, Ana Carvalho compara

a imagem do migrante ou viajante na prosa poética de Damon Galgut e de Al Berto, procurando analisar a postura do estrangeiro diante do Outro, que muitas vezes é um espelho do *eu* e não uma leitura estereotipada do *estranho*.

A terceira parte do volume é especialmente dedicada às abordagens filosóficas do Outro: Patrícia Fernandes aborda as reflexões de Richard Rorty acerca do Outro e as intersecções por ele estabelecidas entre o texto literário e o texto político, sobretudo a importância do papel da narrativa e da descrição imaginárias na nossa educação sentimental, aumentando a nossa compreensão e solidariedade face ao sofrimento alheio; por seu lado, Isabel Ponce de Leão analisa as conferências jornalístico-literárias ou ‘articulentos’ de Ryszard Kapuscinski reunidas na obra *O Outro* (2006), em que ele procura compreender o que é ser europeu ou não europeu, colono ou colonizado, branco ou negro; por fim, Micaela Aguiar explora os complexos mecanismos linguístico-discursivos do processo de estigmatização do Outro (o protagonista Meursault) na obra *L’étranger* de Albert Camus.

A quarta parte do volume aborda o Outro pós-colonial nas literaturas de língua portuguesa: Rui Silva teoriza as questões da imagem do Outro (Beller, Dyserinch, Fokkema, Fischer) e analisa de perto a questão das figurações do estrangeiro na poesia diaspórica e creolizante de vários autores cabo-verdianos, na qual se confrontam a *fobia* e a *filia*; Ana Margarida Fonseca introduz a questão da representação/esquecimento de identidades híbridas na obra literária de José Eduardo Agualusa, o qual propõe uma reflexão inquietante sobre a identidade e a alteridade pós-coloniais; e Camila Marchioro explora e compara as imagens exóticas do Outro oriental (China e Índia) nas obras de Camilo Pessanha e Cecília Meireles, mostrando como esses dois autores, português e brasileira, descaracterizam ou contradizem a visão europeia do Oriente.

Na quinta parte do volume, em que se analisam perspectivas do Outro na história literária e nas narrativas de viagem, surgem três artigos complementares: Alexandre Pinto mostra como o poeta e historiador inglês Robert Southey ensaiou a história de uma literatura que lhe era estrangeira, a portuguesa, avaliando-a em comparação com a inglesa e com a europeia, desejando estudar a identidade coletiva dos portugueses; por seu turno, Ana Luísa Vilela analisa a forma multimodal (lírica, satírica, etc.) como Ramalho Ortigão representou imagologicamente as culinárias francesa, inglesa e portuguesa nos seus livros de viagens; por fim, Haythem Bastawy apresenta o seu estudo sobre a influência do texto de *As Mil e Uma Noites* e respetivas traduções na literatura vitoriana (romances de Beckford, Dickens, Ruskin e Disraeli) e no imperialismo inglês em particular (a invasão do Egipto).

Os dois artigos que compõem a sexta parte do volume, que se debruça sobre as perspectivas literárias do Outro em países particulares, a Espanha e o Canadá, são os de Erma Nežirević e Isabel Patim, os quais abordam respetivamente a obra do autor espanhol Juan Goytisolo sobre a Bósnia, em que aquele representa o Outro estrangeiro e testemunha a violência do sofrimento e subsequente desintegração política deste, e a obra narrativa e dramática do autor índio canadense Tomson Highway sobre identidades índias

fragmentadas (nomeadamente a figura do trapaceiro) na luta por um lugar que lhes seja próprio entre dois mundos opostamente distintos (o do nativo e o do colonizador).

A sétima e última parte do volume procura configurar o Outro nos universos respetivos da banda desenhada e do cinema: Ana Pires e Paulo Lourenço mostram como as questões identitárias (género, raça e nação) são criticamente representadas e transformadas na série *Ms Marvel* de G. Willow Wilson e Adrian Alphona; por último, Paulo Castro e Joana Esteves entram em diálogo aberto com Monty Python para mostrar como o existencialismo pythonesiano do filme *A vida de Brian* procura responder à questão paradoxal de sermos *outro* e sermos o *mesmo*.

Referências

Beller, Manfred and J. Leerssen (2007). *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters. A Critical Survey*. Vol. 13 of the *Studia Imagologica*. Amsterdam: Rodopi.

Hall, Stuart (ed.) (2003). *Representation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications – Open University.

Kristeva, Julia (1991). *Strangers to Ourselves*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press.

Leerssen, Joep (2000). The Rhetoric of National Character: A Programmatic Survey. In *Poetics Today* 21: 267-291.

Saunders, Rebecca (2003). *The Concept of the Foreign: An Interdisciplinary Dialogue*. New York, Toronto and Oxford: Lexington Books.

Simões, Maria João (coord.) (2011). *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*. Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

INTRODUCTION

1. The Concept of the Foreign

In her work *The concept of the foreign: an interdisciplinary dialogue*, Rebecca Saunders states that the concept of the foreigner (of *estraneariu*, *estrangier* via the old French) is perversely difficult to define because of its relativity, equivocal valuation, heterogeneity and metaphoricity (2003, p. 3). However, she refers to the need of defining the foreigner negatively, as not belonging to a group, not speaking a particular language, not having the same customs; that is, as unfamiliar, strange, unnatural, unauthorized, incomprehensible, inappropriate or improper (*idem*).

For this reason, Saunders thinks that 'foreignness', or the condition of being a foreigner, should sometimes be approached as misunderstood or 'anti-understood', since the presence of the foreigner simultaneously thematises and interrogates that which is relative (p. 5).

The production of this concept in the present world results essentially from the establishment of the nation-states and the phenomenon of nationalism. The most common meaning of foreigner is conceived, thus, in opposition to that of a citizen of a state: a foreigner is a noncitizen (*ibidem*). The concept presupposes non-belonging – to a nation, to an extended family. Indeed, the condition of being a foreigner can be both positively and negatively connoted; on the one hand, it suggests the exotic, the artistic or the liberatory; on the other, the stranger, the inappropriate or the threatening (p. 7). This appreciation often arises from the alternation between fear of the Other and attraction to the Other, as 'foreignness' can be both threatening and appealing (*idem*).

However, the concept at hand can be approached not only more personally but also more universally. Such is the case with the strangeness of 'foreignness', psychoanalytically elaborated by Julia Kristeva: the stranger or foreigner that lives hidden within ourselves:

Strangely, the foreigner lives within us: he is the hidden face of our identity, [...] The foreigner comes in when the consciousness of my difference arises, and he disappears when we all acknowledge ourselves as foreigners, unamenable to bonds and communities. (1991, p. 1).

On the other hand, the concept of the foreign is often equivalent to an idea of philosophical impurity, since through his hybridism the stranger is disruptive of metaphysical categories (Saunders, pp. 41-2). In addition, the foreigner is a wanderer, in either the sense of wandering or the literal one of erring (p. 45). Finally, the foreigner is

nonessential in the sense of someone who is irrelevant; the artists, the writers, the musicians, etc. – they are also those who use a dispensable imagination (p. 46).

However, the foreigner is not only the equivalent of instability, impurity and pathology; it is also the possibility, through the attraction of the exotic, the unknown, the mysterious, the free that moves us (p. 48). The representation of the image of the foreigner is, thus, relevant in the context of the arts and cultures because it is by confronting this image that we can better understand and accept each other.

2. Image and Representation in Literary Imagology

Image was, in this context, recently defined as “the mental or discursive representation or reputation of a person, group, ethnicity or nation” (Beller & Leerssen, 2007, p. 342). However, what we call 'Imagology' involves not only the diffusion of certain traits – “the commonplace nature and intertextual dissemination of certain characterizations”, but also the individual text's strategies of characterization – “the way a text constructs salient features concerning a given nation as 'typical 'or' characteristic” (Leerssen, 2000, p. 267).

The deep structures present in national stereotyping, usually involving the construction of binaries around opposite pairs, such as North/South, strong/weak, central/peripheral, can be studied diachronically and historically (*idem*). For critics like Leerssen, texts that 'say' something about national character often rely on an existing reputation, in which previous authors can be cited or mentioned, rather than on a first-hand observation of reality.

As such, national stereotypes are intertextual 'constructs' whose strength lies in their value of recognition rather than their supposed value of truth. Stereotypes can be either positive or negative, depending on whether a given country mainly represents a threat or rivalry, thus giving rise to 'xenophobia', or is more positively represented as being picturesque or exotic, giving rise to 'xenophilia'.

Representation may differ according not only to nationality but also to the experience and background of the respective authors; this is because there is always a degree of subjectivity involved in the representation of another culture by a writer. For this reason, any artistic representation of intercultural relations also involves the construction of an aesthetic image of the cultural confrontation of values and assumptions. As Leerssen concludes, “nobody is in a position to describe a national identity” because in reality what is described is always a cultural difference, the way a nation is viewed as being “different from the rest” (Leerssen, 2007, p. 268).

Particularly relevant in the current context of globalization and multiculturalism, in which the issues of identity, alterity and representation have taken on an increasingly important role in the social and human sciences, is the extensive problematization of the

aesthetic constructions of a self-image and a hetero-image. To the traditional images of static or rigid identities, including nationalist identities, authors such as Stuart Hall (*Representation* 2003) countered the ideas of a "decentralized identity" or a "relationship-identity" that allow us a continual reconfiguration.

In fact, both the process of formation and the process of identity change are constructed precisely by confronting the Other, an intercultural encounter made of synergies and frictions, in which the literary text presents itself and is also represented as a 'dialogue' or as a true 'space' of differences and relationships (Simões 2011).

2. The Volume *Intercultural Poetics. Literary Representations of the Foreign Other*

This volume brings together the different contributions of various experts, both national and foreign, on the theme proposed to them of the 'Literary Representations of the Foreign Other'. These have resulted, in turn, from their participation in the International Conference on *Intercultural Poetics*, taking place at the Institute of Arts and Humanities of the University of Minho, in the context of the *INTCULTPOET* research group of the Centre for Humanistic Studies, in mid-June 2015.

The two articles that make up the first part of this volume address the literary stereotypes that arise in connection with race or nation issues, specifically in a novel by Nadine Gordimer, a South African writer, and in some late nineteenth-century European narratives. Lucia Boldrini focuses on the sometimes unconscious way in which categorical assumptions are formulated about the foreign other or how one tries to avoid them, leading in both cases to misunderstandings and offenses that affect both the intimacy and integrity of the individual. Glyn Hambrook analyses the concept of the stranger as an example of both degeneration and evolution, not only in theoretical discourse but also in *fin-de-siècle* literary discourse, namely the cultural contrast between Latinos and Anglo-Saxons in the writer M.P. Shiel, and between these and Slavs in authors like Bram Stoker and Pío Baroja.

In the second part of the volume, which introduces some poetic versions or transpositions of the Other, the two articles included therein are devoted to the representation of the foreigner in the poetic writing of different periods and contexts. Reinaldo Silva explores the intercultural poetry of the Azorean-born Cambodian-resident author David Oliveira, which exhibits a rich and intricate debate between Western and Asian values that is clearly evident in ethnic confrontation and tension. In her article, Ana Carvalho compares the image of the migrant or traveller in the poetic prose of Damon Galgut and Al Berto, seeking to analyse the foreigner's attitude towards the Other, which is often a mirror of the *self* and not a stereotypical reading of the stranger.

The third part of the volume is especially devoted to the philosophical approaches to the Other. Patrícia Fernandes discusses Richard Rorty's reflections on the Other and the intersections he established between the literary text and the political text, especially the importance, in our sentimental education, of the role of imaginary narrative and description, increasing our understanding and solidarity with the suffering of others. Isabel Ponce de Leão, for her part, analyses the journalistic-literary conferences or 'articuentos' of Ryszard Kapuscinski, collected in *The Other* (2006), in which he seeks to understand what being European or non-European, colonist or colonized, white or black means. Finally, Micaela Aguiar explores the complex linguistic-discursive mechanisms of the stigmatization process of the Other (the protagonist Meursault) in Albert Camus' *L'étranger*.

The fourth part of the volume addresses the Postcolonial Other in Portuguese-language literatures. Rui Silva theorizes issues on the image of the Other (Beller, Dyserinck, Fokkema, Fischer) and closely examines the issue of foreign figurations in diasporic and creolizing poetry by several Cape Verdean authors, which confront both *phobia* and *philia*. Ana Margarida Fonseca introduces the issue of the representation/forgetting of hybrid identities in José Eduardo Agualusa's literary work, which proposes a disturbing reflection on postcolonial identity and alterity. And Camila Marchioro explores and compares the exotic images of the Eastern Other (China and India) in the works of Camilo Pessanha and Cecília Meireles, showing how these two authors, Portuguese and Brazilian, misrepresent or contradict the European vision of the East.

In the fifth part of the volume, which analyses perspectives of the Other in literary history and travel narratives, three complementary articles appear. Alexandre Pinto shows how the English poet and historian Robert Southey rehearsed the history of a foreign literature, the Portuguese one, evaluating it in comparison with the English and European ones, wishing to study the collective identity of the Portuguese. Ana Luísa Vilela analyses the multimodal form (lyrical, satirical, etc.) in which Ramalho Ortigão pictured the French, English and Portuguese cuisines in his travel books. Finally, Haythem Bastawy presents his study on the influence of the *One Thousand and One Nights* text, and its translations, on Victorian literature (Beckford, Dickens, Ruskin and Disraeli novels) and on English imperialism in particular (the invasion of Egypt).

The two articles that make up the sixth part of the volume focus on the literary perspectives of the Other in particular countries, namely Spain and Canada. Erma Nezirevic deals with the work of Spanish author Juan Goytisolo about Bosnia, where he represents the foreign Other and witnesses the violence of his suffering and subsequent political disintegration. Isabel Patim addresses, in turn, the Canadian Indian author Tomson Highway's narrative and dramatic work on fragmented Indian identities (notably the cheater figure) in the struggle for their place between two oppositely distinct worlds (that of the native and that of the colonizer).

The seventh, and last, part of the volume seeks to configure the Other in the respective universes of comics and film. Ana Pires and Paulo Lourenço show how identity issues (gender, race and nation) are critically represented and transformed in the *Ms Marvel* series by G. Willow Wilson and Adrian Alphona. Finally, Paulo Castro and Joana Esteves enter into an open dialogue with Monty Python to show how the Pythonesian existentialism of the movie *Brian's Life* seeks to answer the paradoxical question of being *another* and being the *same*.

References

Beller, Manfred and J. Leerssen (2007). *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters. A Critical Survey*. Vol. 13 of the *Studia Imagologica*. Amsterdam: Rodopi.

Hall, Stuart (ed.) (2003). *Representation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications – Open University.

Kristeva, Julia (1991). *Strangers to Ourselves*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press.

Leerssen, Joep (2000). The Rhetoric of National Character: A Programmatic Survey. In *Poetics Today* 21: 267-291.

Saunders, Rebecca (2003). *The Concept of the Foreign: An Interdisciplinary Dialogue*. New York, Toronto and Oxford: Lexington Books.

Simões, Maria João (coord.) (2011). *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*. Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Paula Alexandra Guimarães, December 2019.